

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38 A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2317

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 22 DE JUNHO DE 1923

# Um balanço curioso... Notas & Comentários

## Quem manda? Quem está com a situação e contra ela?

Tem-se afirmado em todos os tons e aos quatro ventos que o movimento donde resultou a subida ao poder do general Gomes da Costa e a sua consequente ditadura militarista—é um movimento profundamente, nitidamente, absolutamente republicano. Afirma-se isto a cada hora, a cada momento, em conversas... tranquilizadoras... em discursos, em posses ministeriais, em profusões de entrevistas jornalísticas. De resto,—justifica-se—o próprio grande general, ao vir do grande quartel general de Sacavém e ao entrar em Lisboa a caminho do Terreiro do Paço, trazia no seu automóvel uma grande bandeira verde-rubra a atestar, iniludivelmente, o seu entusiasmo republicano e o de todos os seus colaboradores, componentes do grande exército vencedor... E acrescenta-se—o mesmo chefe do golpe de Estado, ao assumir as rédeas da governação pública e ao sair do ministério do interior, seguidamente ao acto da sua posse, soltou, vibrantemente, três grandes vivas à República... Não pode, pois, haver dúvidas...

Tem-se afirmado, também, que não se trata de um movimento retrógrado, impregnado de reacção e de ideias curtas e vesgas intenções, destinado a iniciar um período miserável e repugnante de perseguições e violências cruéis, adrede preparado para expoliações no campo económico e para a asfixia no campo político e social pelo cerceamento ou extinção das poucas liberdades ainda existentes e das poucas regalias ainda auferidas pelo Povo e por ele conquistadas através de admiráveis lutas e à custa de inestimáveis e sublimes sacrifícios. Tudo isto se proclama, também, para tranquilidade e mansidão do rebanho... e maior tranquilidade dos bons pastores que neste momento o conduzem como quem conduz uma vara de porcos à chacinna... Um exame sucinto, porém, um

rápido balanço feito às forças, correntes e agrupamentos que estão com o novo estado de coisas e às forças, correntes e agrupamentos que contra ele se encontram em guerra aberta, dá-nos a nitida e precisa ideia da situação, elucidando-nos, melhor que tudo, sobre o seu significado insofismável e sobre a marcha futura e próxima dos acontecimentos. É o que fazemos no quadro que abaixo inserimos e de cujo fácil e claro estudo, ao alcance dos mais ignorantes e dos mais cegos... resulta o somatório seguinte: Estamos em presença de uma reacção, perigosíssima, militarista, política, económica e clerical.

Militarista por via—da caserna. Política pela acção—de monárquicos e de agrupamentos fascistas. Económica pela pressão—das forças do «olho vivo»... Clerical pela infiltração—dos católicos.

Segue, pois, o elucidativo quadro com o qual damos por terminado este nosso artigo, porque assim fecha com chave de ouro:

Quem forma o lado de dentro da situação, pela liberdade e pela sua ditadura	Quem está contra a nova situação, pela liberdade e pela sua ditadura
Monárquicos constitucionais («Correio da Manhã»).	C. G. T. com o seu órgão «A Batalha».
Integralistas.	Partido Comunista.
Cruzada Lusitana.	Partidários da I. S. V.
Católicos («Época» e «Novidades»).	Partido Socialista.
Forças económicas («Seculo», «Noticias»).	Seara Nova.
Partido Nacionalista (partido híbrido de sidonistas, monárquicos disfarçados e vagos republicanos).	Partido Radical.
	Esquerda Democrática («Mundo» e «Capital»).
	União Republicana Liberal («A Noite»).
	Partido Republicano Português («Rebelle»).
	Vários agrupamentos liberais.

Resumo: Estamos em presença de uma perigosíssima reacção manifestada pelos quatro aspectos—militarista, político, económico e clerical.

## PELOS HOSPITAIS CIVIS

## Um rápido exame à legislação hospitalar e uma eloquente demonstração de quanto sofre a simpática classe de enfermeiros

Nada mais ingrato, nada mais difícil do que examinar nas colunas dos jornais a legislação hospitalar. O público alheio e indiferente a questões de direito jurídico recebe com enfado esse exame por muito brilho que ele tenha, por muita scintilação que nele se verifique.

Para o público há só um interesse: os serviços hospitalares funcionarem regularmente e com todos os recursos inerentes à sua normal função. Por isso toda a prosa alusiva a legislação hospitalar é insofista, roçando por vezes pela banalidade.

Estas razões determinam que o exame hoje iniciado à legislação hospitalar se desvie um pouco do terreno próprio onde devia caminhar. Procuraremos, todavia, ser claros, sintéticos e esclarecedores a fim de que a toda a gente fique acessível o conhecimento da nossa crítica. Assim...

Os serviços hospitalares de Lisboa funcionam ao abrigo da Reforma Lobo Alves, procedente de 1918. A Reforma Lobo Alves é um diploma com uma urdidura complexa que não pode ser apreciada sobre o joelho. Nos seus 172 artigos há matéria vasta onde por vezes se casa a incongruência com a falta de senso prático.

Paralela à Reforma Lobo Alves, por muito estranho que isto possa parecer, vigora também a Reforma Curry Cabral, outro diploma de completição imperfeita.

A Reforma Lobo Alves é, por assim dizer, a lei básica dos hospitais. Como não está regulamentada alienou em favor da Reforma Curry Cabral. E' dizer: hoje é ainda o pensamento Curry Cabral, que foi enfermeiro-mór do hospital de São José, que predomina nos serviços hospitalares.

A lei Lobo Alves—que passe a expressão—estabelece princípios que por não estarem regulamentados não entram em exercício.

Porisso por muito democrático que esse diploma possa ser ele em nada vai beneficiar o pessoal enquanto não for regulamentada convenientemente e de harmonia com as aspirações do pessoal hospitalar.

Pela doutrina da lei Lobo Alves são estabelecidas as seguintes divisões: Direcção Geral, Secretaria da Direcção Geral, Secção do Registo dos Doentes Hospitalizados, Secções Especiais e Privativos de Contabilidade, Económico, Serviços Industriais, Serviço do Contencioso, Fiscalização e Polícia Hospitalar, Biblioteca, Museu e Arquivo e «Boletim dos Hospitais», Inspeção de Higiene, Balneários, Cozinhas, Serviços Clínicos e Laboratoriais e de Urgência, Serviços Farmacêuticos, Escola Profissional, Pessoal de Enfermagem, Pessoal Auxiliar.

Para os funcionários perenitentes a cada uma destas divisões estão estabelecidos as suas condições de serviço e respectivos honorários e mais regalias, que no próximo

artigo iniciaremos, respectivamente, a sua análise.

Hoje queremos apenas, depois de traçado o quadro de serviço hospitalar, falar sobre as deficiências que se notam nos vários serviços, mormente no de enfermagem, para provarmos que as condições económicas e morais do pessoal dos hospitais civis é qualquer coisa digna de melhor sorte.

Por uma lei a que se convencionou chamar «lei travão» é vedado à direcção ou administração dos hospitais civis prover as vagas abertas por morte ou afastamento de vários funcionários.

Como esta lei está em exercício há anos, exactamente naqueles em que tem aumentado a população dos hospitais, sucede que para vencer todas as exigências do serviço o pessoal que vai ficando é quem tem que aguentar-se com todo o trabalho, por muito grande que ele seja.

Devido a esse facto para os 2.000 doentes que há nos hospitais civis—neste número não estão incluídos os 1.000 doentes que tem o Manicómio Miguel Bombarda—há um reduzido número de enfermeiros. Segundo os melhores cálculos, pelo quadro actual dos enfermeiros, para cada grupo de 20 doentes só há um enfermeiro. E isto na melhor das hipóteses, porque há enfermeiras com 90 doentes que têm apenas 4 enfermeiros.

Ora é bom que se saiba que hoje, nos hospitais franceses, para cada grupo de 6 doentes corresponde um enfermeiro.

Em virtude desta grande anomalia os serviços de enfermagem de graves deficiências das quais não são culpados os pobres enfermeiros.

O enfermeiro, ao invés do que notoriamente se diz, é um perfeito escravo preso à grilheta do regulamento e à do seu dever profissional.

O enfermeiro é hoje a principal vítima da péssima organização hospitalar.

Ele tem que trabalhar horas sem conto. Ele tem que prodigalizar ao enfermo todo o carinho necessário. Ele tem que vencer todos os escolhos da sua simpática profissão sem o mínimo protesto—que dizemos!—sem o mínimo queixume!

Para o enfermeiro não há direitos—há apenas deveres.

E, se o leitor soubesse como, pela Reforma Lobo Alves, é concedida ao enfermeiro a reforma revolta-se-lhe. Não o sabe hoje, mas sabê-lo há dentro de alguns dias.

Descarrilamento de que resultou a morte de cinco passageiros

TOURS, 20.—O rápido Paris-Bordeaux descarrilou perto de Tours, havendo cinco mortos, trinta feridos, dois dos quais em estado bastante grave. (H.)

## Ressurreição...

O sr. José Duarte Costa, monárquico director do jornal monárquico «Correio da Noite», foi nomeado director da policia preventiva que vai funcionar em substituição da extinta P. S. E.

O neo-funcionário policial respondeu há poucos dias no processo organizado contra os que, no tempo de Sidónio Pais, assaltaram a sede do Grémio Lusitano onde fizeram uma obra de devastação. No tempo de Sidónio Pais o mesmo sr. exerceu o mesmo cargo para que foi agora nomeado, tendo-se celebrado por ter ordenado a execução das piores e mais selváticas violências.

A sua nomeação significa claramente a ressurreição simbólica do sidonismo. Foi assim que ela foi encardido por toda a gente, sem distinção de ideias e de partidos, o que se nos afigura singularmente grave e sintomático...

## Mentira divina...

As Novidades afirmaram, a propósito da decisão de greve geral oposta pela C. G. T. à ditadura militar, que o general Gomes da Costa tinha dito que a solução do movimento dessa natureza não cabia ao governo mas à Cruz Vermelha, e que em face dessa homicida ameaça o operariado fugira para casa, a meter-se debaixo da cama, estarecido de medo e tomado da mais completa das cobardias.

Mentem entalçadamente as Novidades. Nem o general Gomes da Costa proferiu a ameaça que elas desejariam que ele tivesse pronunciado, nem os operários são tão cobardes que possam ser comparados aos padres, aos sócios do Centro Católico ou à legião de Lino Neto que infestam e corrompem a sociedade em que vivemos.

## A «legião dos esfarrapadinhos»

O sr. Filomeno da Câmara, que é um dos directores da Companhia africana do Amboim, que foi financiada pelo Banco Angola e Metrópole, defendeu o critério de que era necessário habilitar os bancos a fazer descontos, o que por outras palavras significa que é preciso dar aos Bancos, dinheiro, muito dinheiro.

Com essa ideia os cofres do Estado vão ficar muito desfalcados, mas a «legião dos esfarrapadinhos» da rua dos Capelistas vai de certo poder almoçar todos os dias, coisa que ela coitadinha não fazia há muito tempo.

Em compensação os Bancos sabem muito bem que o dinheiro que eles dão para as «revoluções de salvação nacional» assegura sempre um promotor dividido, muito superior, fantásticamente superior ao capital empalado...

## Uma boa notícia

Informamos-nos de que o companheiro Rafael Liberal Torres Escartin, que em Espanha fora condenado à morte, graças aos esforços da imprensa operária portuguesa e americana já não é executado. Folgamos imenso com a notícia, tanto mais por tratar-se de um homem que iniquamente foi condenado pelos tribunais espanhóis só para satisfação dos reacçãoários daquele país.

## O delírio do crime

Francisco Santo é aquele operário que a guarda republicana espancou cruelmente no posto de Sintra e que se encontra preso na cadeia daquela vila. Pois bem, Francisco dos Santos, apesar do caso ter ocorrido há cinco meses, ainda ignora o destino que lhe dão. Não sabe quando vai responder, não sabe mesmo se já está condenado sem «verdictum» do tribunal. Aguarda na cadeia de Sintra, vai para seis meses, que os seus carrascos o vão julgar, que os seus agressores saiem os seus sinistros desejos.

Francisco dos Santos escreveu-nos uma comovedora carta narrando-nos, em frases singelas, toda a sua odisséia. Há cinco meses que sofre naquele ergastulo, depois de barbaramente agredido, e desse longo estágio no cativeiro resultou para ele a visita da tuberculose que o persegue inexoravelmente. Enquanto isto se passa os agressores guardas deliram ante o triunfo da sua obra.

## Ódio que não cansa

António José de Almeida e José Abrantes Castanheira, manipuladores de pão, encontram-se na enfermaria do Forte do Monsanto bastante doentes. Por esse motivo o seu sindicato profissional mandou aquela cadeia a dr. sr. Arnaldo Pinto a fim de auscultar os referidos doentes. Uma vez na aludida enfermaria o dr. Pinto só auscultou o primeiro dos presos e retirou para a secretária. Aqui, um delegado do Sindicato dos Manipuladores de Pão fez sentir aquele clínico que o preso Castanheira também precisava de ser examinado. Para o fazer o dr. Pinto dispunha-se a dirigir-se novamente à enfermaria da cadeia. Porém, o enfermeiro Alegria, aquele sinistro enfermeiro já conhecido dos nossos leitores, opoz-se a que tal se fizesse, alegando não o permitir o regulamento. Um dos circunstantes observou-lhe que o regulamento admitia a visita ao primeiro preso não recusaria a visita ao segundo. Apesar de todas as judiciosas contestações Alegria não transigiu. José Abrantes Castanheira para ser observado teve que arrastar-se até à secretária, porque lhe permitiu o chefe das guardas Monteiro. Este Alegria com as suas tristes medidas nos autoriza-nos a considerá-lo o mais trágico dos carrascos com que os presos têm que contar.

## Excursão escolar

Na próxima quinta-feira realiza-se uma excursão escolar à vila de Queluz, constituída por cerca de 1.300 crianças das 4.ª e 2.ª classes de 50 escolas oficiais e das subsidiadas pela Câmara Municipal de Lisboa. É a primeira excursão que se realiza para fora de Lisboa, e naquela pitoresca vila, vão as crianças gozar um alegre recreio na vasta quinta do Palácio, sendo-lhes ao mesmo tempo ministradas preleções. A partida é da estação do Rossio, em carruagens reservadas, às 9,35, entrando algumas crianças em Campolide e em Bemfica.

# Um canalha Ressurge a antiga rivalidade entre o sabre e a pena?

## Há homens que o são por configuração física, mas não merecem o contacto de pessoas que prezam a sua dignidade.

Um destes homens chama-se João Jerónimo Vieira da Silva, um canalha que tem um nome mais comprido que o coice de uma béstia. Bebado incorrigível, apesar do seu empenho de moralizar a sociedade. E neste empenho se fez espí da policia, da Patronal e agente do governo para qualquer serviço reles, não fazendo ele questão de escolha. E porisso é que se lembrou, o obtuso, de denunciar um fantástico e formidável complot, como não poderia haver memória doutro igual na Rússia czarista.

Ora vejamos: todos os militantes da C. G. T., todos os jovens sindicalistas, todos os redactores da Batalha, todas as pessoas da Seara Nova, e não sabemos quantos mais, se refreiam para dar cabo do general Gomes da Costa. Esta só seria capaz de engendrar um bruto! E que tal está o bruto!

Este canalha foi em tempos expulso das Juventudes Sindicistas por incorrigível embriaguez e consequente mau porte, e ainda por roubar dinheiro que se destinava à propaganda operária.

Depois, andou intitulado-se secretário geral das Juventudes Sindicistas de Alcântara—que não existem—redactor da Batalha—o bruto não sabe escrever—e secretário da C. G. T. Com estes títulos, falsos como o seu caracter, andou tentando captar a confiança de camaradas para que a policia recebesse os seus bons serviços.

Ainda, há dias, o canalha se apresentou ao nosso director, oferecendo-se para nos revelar sensacionais segredos da Patronal. Tornou-se suspeito, porque quem é canalha canalha se mostra, e foi corrido como merceia.

Aqui fica a biografia do cidadão João Jerónimo Vieira da Silva, a fim de que os homens dignos repilam para longe este canalha, a fim de que ele não tente comprometer por processo infamante pessoas tranquilas.

A antiga rivalidade entre o sabre e a pena vai novamente ressuscitar visto que surgiram já no horizonte os prenúncios da censura à imprensa. A Época—que é nesta situação o jornal que tudo sabe—já revelou a existência duma comissão fiscalizadora da imprensa presidida por um capitão—indicando, deste modo, que a pena vai ser quebrada, violentamente, entre os dedos dos jornalistas que a puzeram ao serviço da liberdade.

A censura à imprensa é o estrangulamento do país, a supressão da sua opinião, a anulação do seu direito de crítica. A verdade, essa verdade que, proclamada na imprensa, não faz correr uma gota de sangue, e ilumina o espirito sem lançar a desordem nas ruas, vai desaparecer do mundo das realidades e converter-se num fantasma errante. Mas, mesmo assim, ela continuará a ser uma voz, a ser uma força—e ela vencerá desta vez, como no decurso da história saiu implacavelmente triunfante do apachismo dos seus rancorosos inimigos. Será uma voz, existindo apenas na nossa consciência interior—mas basta que ela aí exista, para que volte mais tarde, vencedora, na posse dos seus direitos, a cumprir sua admirável e maravilhosa missão.

A verdade deixará de ser pública, tornar-se-á clandestina. Deixa de aparecer em letra redonda—mas viverá e gritará nos espíritos. A espada surda à sua voz interior não a escutará, julgá-la há morta, como se um decreto, tornando-a ilegal, tivesse o extranho e satânico poder de a assassinar. A verdade é imortal—e a repressão não pode atingir as quatro paredes impenetráveis dum crânio, e basta que ela viva nesse exíguo espaço para mais tarde brotar como uma claridade invencível, e afirmar que o seu direito à vida, está acima, é mais poderoso e mais forte que o vento iníquo que sopra das casernas.

A Santíssima Trindade da repressão—monárquicos, militares e padres—decretando a censura à imprensa vai falar deste modo aos pais:

«Receamos a crítica—apesar de sermos a força. Temos por nós as espingardas e as espadas—mas tememos um simples papel impresso que surge à luz do sol, condicionado por leis, numa sociedade fortemente policiada e repressiva. Esse bocado de papel pode exprimir um pensamento

divergente das nossas ideias e das nossas atitudes—e nós queremos que as nossas ideias e as nossas atitudes sejam soberanas e indiscutíveis. Somos infalíveis e dogmáticos e, porisso, negamos o direito de nos julgarmos e de nos comentarmos.

Só saberás o que nós entendemos que deves saber, porque não te consentiremos outro pensamento que não seja o nosso.

E deixa-te de veleidades de independência—porque a independência, ainda que ela se exprima num simples movimento dos lábios, consideramo-la como um crime—e os nossos esbirros preferem castigar com inocentes a consentir que um criminoso—criminoso é quem não está conosco—ande à solta, discordando, ainda que dentro da sua casa e para sua própria família; dos nossos actos, sinais característicos da nossa intangibilidade.

Calate se queres viver. E só deves viver se souberes curvar-te a reconhecer que não te assiste outro direito que não seja o de te considerares feliz com a escravidão limitada que resolvermos impor-te—para te salvar...»

\*\*\*

Os jornais monárquicos, que invocaram a liberdade de imprensa sempre que as violências do poder democrático a atingiram, vão aplaudir com júbilo o estabelecimento da censura. Essa atitude que está longe de nos causar assombro, demonstrará que eles sempre consideraram a imprensa uma arma ao serviço das suas intrigas, e não um direito que assiste a todos os povos civilizados. Essa atitude revelará a lama de que eles são feitos e a sinistra corrupção que os alimenta. Essa atitude será uma declaração de cobardia, pois que sabem que a censura é para outros, para aqueles que lealmente têm sabido proclamar ideias e defender princípios—para aqueles que sempre estiveram a seu lado quando, uma violência impulsiva dos abomináveis democráticos, pretendia cercar-lhes os seus direitos. Essa atitude provará ainda as consciências livres que amam a igualdade e a justiça que para eles a liberdade de imprensa só serviu como uma arma para conseguir um fim abjecto—a supressão dos jornais que não mergulham num passado de torpe obscurantismo, de mentira atroz, de crime, de sangue e de ódio...

# Os militares republicanos já se mobilizam contra os monárquicos predominantes

## Um compromisso de honra dos oficiais de Vila Real e uma atitude dos sargentos em Lamego—Reunião de revolucionários republicanos no palácio de Belém—Vão extremar-se os campos?

A sedição militar, despenhada de Braga, foco de reacção, no momento em que lá se reúne um congresso de rancorosos dignitários da Igreja, veio criar uma situação que todos os dias se agrava e se precipita.

A reacção, que tem já nos poderes do Estado, investidas de funções ditatoriais e arbitrárias, as suas mais representativas, ainda que brutais ou ineptas figuras, julgadas já triunfantes—sem luta, que vergonha!—e a todos ameaça, a todos odeia, desde que não consiga para o raciocínio de todos uniformidade casneira.

Por ora, desafiam-se monárquicos e republicanos. Dominam os reacçãoários ululantes como lobos; protestam os liberais, sobressaltados, talvez prontos para a caçada última.

A ditadura que se pretende impor bem reles e, ao mesmo tempo, muito bárbara de ser. Toda a consciência pública, desde a primeira hora, se atreva e desconfia dos generais palavrosos e iníteis; acontecimento este bem notável e animador para os espíritos livres, porque raríssimas vezes acontece que um regime se estabeleça com a oposição da própria opinião pública.

No próprio exército não existe a unidade e a docilidade tão necessárias para que vingue uma ditadura militar. Na chamada opinião não há, mesmo, coisa que se aproxime de concordância. E que mais fácil é vencer pelas armas, quando o adversário não quer bater, do que convencer pela lógica, quando a consciência se não quer submeter.

Corre novamente um vento de rebelião por todo o exército. O descontentamento pela situação vai aumentando sempre. Ontem, foram os militares monárquicos que intrigaram e exigiram que os republicanos fossem afastados da nova política. Conseguiram o êxito dos seus intentos. Hoje, são os republicanos que exigem o afastamento dos monárquicos e o restabelecimento da República. Assim mesmo, o restabelecimento da República.

Análise-se friamente um compromisso de honra, assinado por todos os oficiais dos regimentos de Vila Real: «Os oficiais da guarnição de Vila Real, reunidos, na sua totalidade, na sala da Biblioteca do Regimento de Infantaria n.º 13, no dia 18 de Junho de 1923, pelas dezasseis horas e trinta minutos, para se apreciar a situação resultante do movimento levado a efeito pelo Ex.º general Gomes da Costa, destituído de presidente do Ministério e de ministro do Interior o

ex.º comandante Mendes Cabeçadas, resolveram o seguinte:

1.º Não estar ao lado de homens, mas sim de princípios.

2.º Apoiar o governo que dê cumprimento ao programa revolucionário da «Junta de Salvação Pública» especialmente do seu número primeiro, mantendo com toda a sua pureza o regime republicano democrático, proclamado em 1910 e confirmado pela Assembleia Nacional Constituinte.

3.º No caso dos governos se desviarem dos princípios de defesa das Instituições Republicanas, actuar imediatamente e energicamente pela força para serem rigorosamente mantidas as mesmas instituições, para o que todos os oficiais presentes assinam este compromisso de honra.

4.º Dar conhecimento destas resoluções a todos os camaradas do Exército, procurando obter a sua colaboração para esse fim.

5.º Enviar por cópia a s. ex.º o ministro da Guerra estas declarações, devidamente assinadas por todos os oficiais.

(Assinado por todos os oficiais da guarnição em número de cinquenta e um).

A transcrição é feita integralmente. Do que consta mais, nada revelamos, não só porque os acontecimentos se precipitam, como porque não queremos para nós a função de alarmar o espírito público, cujo sossego, aliás, desapareceu desde o primeiro discurso do sr. Gomes da Costa, em Braga—quem manda sou eu. Muito difícil é, porém, levar os outros à obediência...

Na véspera de novos acontecimentos?

A imprensa republicana vinha, há dias, alarmando-se, e alarmando o país, com o alastrar do perigo reacçãoário. Nos sentimentos esse perigo com muito mais amplitude do que os próprios republicanos. Sentimos até que o segundo perigo monárquico, ainda que o proveja um segundo Monsanto—onde só o proveja um batente—não constitua lição para os republicanos.

A revolta contra o predomínio monárquico está-se incendiando nas próprias fileiras do exército. Em Lamego, contam os jornais de Viseu, os sargentos radicais, que haviam subleivado a soldadesca, ao regressarem de Lisboa, impuseram a saída dos oficiais que não os haviam acompanhado, pelo que estes com o novo comandante, major Sena Belém, recolheram a Viseu. Partiram forças de infantaria 34, artilharia 2 e metralhadora

Na próxima quinta-feira, pelas 11 horas,



devem reunir-se em casa do sr. Gomes da Costa, no palácio de Belém, os referidos elementos republicanos, aos quais o general pede já amparo, pois parece não contar, agora, com todo o exército, para manter a integridade do regime republicano.

### Descontentamentos, substituições, demissões e boatos

Com bastante insistência correu ontem o boato de que o general Gomes da Costa vai deixar a pasta da Guerra, ficando sómente com a presidência, e que aquela pasta será provida pelo general Sinele de Cordes.

O governador civil, capitão aviador sr. Luís Moura, manifesta novamente disposição de se demitir, ao que parece muito aborrecido com a intriga que levanta a sua volta, nesse ambiente fétido e integralista do Governo Civil. Retirando-se o actual governador, seria nomeado o filho do sr. Raúl Esteves.

O capitão de artilharia sr. Jorge Botelho Moniz pediu a sua demissão de oficial do exército. O motivo invocado é o desagrado pelos insultos que os militares lançaram aos políticos, e o sr. Botelho Moniz, sentindo-se vexado, prefere continuar no seu partido. Esta atitude, se bem que nos sirva apenas para registar dos acontecimentos, confirma a nossa opinião de que o Exército é um partido de governo, ao qual nem todo o interesse de pertencer. Que nos desminta o Filomeno da Câmara...

— Parece que o ministro da Justiça, dr. Manuel Rodrigues, pensa em abandonar o seu cargo.

— A Faculdade de Letras do Porto elegeu para seu director o professor dr. Damiano António Pires, em substituição do sr. Leonardo Coimbra.

— O engenheiro sr. Vasco do Couto Lupi requereu uma sindicância aos seus actos como chefe de serviços dos Caminhos de Ferro do Estado. Foi nomeado para fazer essa sindicância o juiz sr. dr. Guilherme Augusto Coelho.

— O ministério do Interior desmente que o monárquico Duarte Costa, que tristemente se celebrou no sidonismo, esteja indicado para dirigir qualquer policia secreta. Desde que a direcção do *Correio da Noite* se modificou, e a pesar do despeito irritado ontem evidenciado no mesmo jornal, ficamos a ver se o desmentido se confirma. Tanto mais que o eximio jornalista tem um geito de nascer para o profissionalismo da policia secreta...

— O sr. Francisco Canto e Castro, analista da Escola de Medicina Veterinária, está indicado para o cargo de governador civil de Angra do Heroísmo.

### Os ante-actos "políticos" do governador civil

Ainda não tomou posse o capitão Anibal Franco, novo governador civil de Lisboa. A posse deve realizar-se hoje ou amanhã. Contudo, a nova autoridade sente-se já empossado de critério politico inerente ao cargo. De seus actos antecedentes à posse, actos verdadeiramente políticos, deu ontem conta a um redactor do *Diário de Lisboa*: — Não tenho planos novos, nem programas. Nunca esperei desempenhar este lugar. O sr. general Gomes da Costa deu-me uma guia de marcha com plenos poderes para comandar a Policia de Segurança Pública. Aqui estou! Era uma cobardia da minha parte recusar-me a cumprir uma determinação do chefe do governo.

E fala assim dos calabouços do governo civil: — Fiquei horrorizado com o que presenciava. Deseito homens dentro duma cela que mal comporta sete! Tenho uma grande ternura pelos presos! Isto impressionou-me bastante. Mandei pôr em liberdade um pobre diabo que estava acusado de soltar um viva ao general «Napoleão» Gomes da Costa!

E desamba num projecto, flamante: — Penso em aumentar a policia com um esquadrão de cavalaria composto de quatro pelotões, para guardar os sitios mais distantes da cidade. Desde que os efectivos da G. N. R. vão ser reduzidos, nós podemos aproveitar os cavalos, os soldados e o material de guerra; sem que isso traga para o Estado qualquer encargo.

O sr. governador afirma depois a sua sensibilidade artistica:

Entrava nesta altura o mestre da banda de musica da policia. Este diz:

— Eu gostava de ouvir a banda da policia no pátio do governo civil.

— Isso é impossível! — observa o mestre da banda.

— Mas eu gostava que os presos tivessem um pouco de musica.

E fez-se silencio. Havia lágrimas de comocão nas janelas do pátio.

### Um órgão muito retraído

Segundo nos consta e se o exemplar que comprámos não é apócrifo, deve ter saído o primeiro número da *Revolução Nacional*, órgão da situação. Vem muito bem redigido, lá isso é que vem, com excelentes artigos e subitil ironias de pessoas talentosas que usam modestos pseudónimos porque não querem passar à historia. O novo colega não nos visitou, como é da praxe, da buela praxe que os jornalistas não ignoram. Mas isonho impede de lhe oferecermos a nossa casa e de lhe desejarmos longa vida e prosperidades...

### Noticias varias

Os soldados de artilharia 3, que ha dias se insubordinaram, continuam presos na Torre de S. Julião da Barra, aguardando a conclusão do auto de corpo de delito que deverá ser entregue na Repartição de Justiça do Quartel General da 1.ª Divisão.

— Devido a uma local inserta hoje no *Correio da Manhã*, o major sr. Francisco Araújo enviou testemunhas ao sr. Lopo Vaz de Sampaio e Melo, director daquelle jornal.

— O sr. ministro da instrução recebeu uma comissão de alunos da Faculdade de Sciéncias, que foi pedir para que o conflito académico se solucionasse o mais rapidamente possível.

— O governo vai num dos seus próximos conselhos tratar da substituição de alguns ministros plenipotenciários.

Continua a afirmar-se, e parece com fundamento, que o general sr. Garcia Rosado será o substituto do sr. Norton de Matos, na Embaixada Portuguesa em Inglaterra.

— Abandonou o P. R. P. o capitão sr. Virgílio Lusitano, que fazia parte do respectivo directório.

### Quem vive?

Na madrugada de ontem a policia da esquadra do Rato passou uma rigorosa busca a casa do sr. José Joaquim de Azevedo, conhecido revolucionário civil.

Os motivos desta busca são desconhecidos pelo sr. Azevedo, que nas emergencias mais delicadas tem defendido a República.

Será por este facto que a policia ali foi? Nesses casos quem vive?

### Um vibrante manifesto dos revolucionários sociais de Beja

Em Beja foi distribuido ha dias, pelo Comité Revolucionário de Defesa Operária, o manifesto que nos permitimos transcrever a seguir:

«A hora da saída deste manifesto graves acontecimentos estão para se dar e igual apelo está sendo feito em todo o país.

A esta hora já terá o governo do comandante Cabeçadas, saído do poder e implantado uma ditadura militar, a semelhança da de Espanha, com portas abertas para uma monarquia. Como vemos, pensamos os reaccionários, por uma forma habilidosa, implantar a monarquia em Portugal.

Povo liberal! não olheis por um extenso manifesto onde iriamos buscar factos da historia. O momento é para gestos e acções, e não para paliativos.

Mais uma vez reconhecemos a necessidade de nos apetrecharmos por todas as formas, a fim de no momento oportuno combatermos a onda negra que ferocemente nos ameaça. Recordai-vos da «Trautman» que ainda não vai longe e que foi o povo, como sempre, que a venceu, fazendo recuar a patera ameaçadora, já de boca escancarada, que tentava impor a sua ferocidade.

Povo liberal! lembrai-vos que uma ditadura militar não pode prevalecer no nosso país, e está a atestá-lo o passado de tradições liberais que o nosso povo tem marcado nos annos da historia.

Povo liberal! lembrai-vos que uma monarquia não pode ter lugar no nosso país, atendendo a que foi o povo liberal, o facto de tirania, farto de ser espinha-dor, a derrubou, e estará sempre pronto a agir, derramando o seu sangue se tanto for necessário, obrigando-os a encolher as garas.

Povo liberal! a postos, pois, aguardando a todo o momento o grito de as armas... Viva a Liberdade! — Abaixo a Reacção!

### O actual ministro do Comércio chefiou em 1919 uma tentativa de implantação da monarquia

Transcrevemos do *Mundo*, se lhe acrescentar uma unica linha, o que passa a ler-se:

«Viseu tem sido uma cidade de poucas tradições republicanas.

Em 1919, o chefe do estado maior, major Passos de Sousa, o coronel António de Almeida Leitão e um Paulo de Quental, revoltaram os seus regimentos e implantaram a monarquia.

Era o coronel Leitão, comandante do 14, e antes do movimento chamou os sargentos e disse-lhes:

— Meus sargentos: Sou vosso amigo! Conto convosco. Vamos proclamar a monarquia.

Em seguida formou o regimento e na Praça da República, as tropas de Viseu, sob o comando supremo do major Passos de Sousa, que é o actual ministro do Comércio, desfilarão em continência à bandeira do regime dos adjuntamentos.

Feita a contra-revolução do Porto, os heróis de Viseu desapareceram, sendo para aqui nomeados officiaes republicanos.

Veu o consulado do sidonismo, e o general António Teixeira de Aguiar, a historia repete-se, pois que é o mesmo nomeado pelo actual governo, afastou os officiaes republicanos e colocou aqui officiaes monárquicos.

Rodeado por um estado maior que fazia gala das suas convicções monárquicas, entre os seus destacamos António Bernardes Miranda, genro do professor Teixeira de Abreu, que foi reintegrado na Universidade de Coimbra.

Alarapados em lugares de confiança, estes autenticos cassapos procuravam sempre demonstrar a sua antipatia pelo regime.

Terminado o sidonismo estas aves agoreras desapareceram de novo, para aparecerem agora como comparsas no movimento revolucionário de 28 de Maio.

Captando a confiança dos officiaes republicanos, esta cassaparia imiscuiu-se pelos ministerios, dando ordens e manobrando de forma que lhe fossem entregues lugares de confiança.

Conhecerá o general Gomes da Costa todos estes detalhes?

Talvez, não.

Nós, que os conhecemos, não os poupamos, desvendando as suas manobras ao povo republicano.

Vencedor o movimento revolucionário, foi nomeado para governador civil de Viseu o major reformado Armando Leite, conhecido monárquico e cunhado do tenente Ruas, ajudante do general Gomes da Costa.

A officialidade do 14, tendo conhecimento desta nomeação que afrontava os seus sentimentos de republicanos, opôs-se à nomeação, de forma que foi nomeado o capitão Costa que era conhecido como republicano.

Os cassapos não desistiram e aproveitando o facto do tenente Ruas ser cunhado do major Leite, fizeram com que este fiasse ao general Gomes da Costa, de forma que este nomeou novamente o major Leite governador civil.

Os officiaes do 14 receberam a «bofetada» e retribuíram-na não assistindo à posse do governador civil talassa.

O comandante do 14, tenente-coronel Mateus, falando aos seus officiaes, garantiu-lhes que seriam nomeados republicanos para os lugares de confiança, o que fez com que os officiaes do 14 não tomassem uma attitudé revolucionária.

A resposta deu-a agora o major Leite nomeando para Mangualde um tenente bem conhecido pelas ideas monárquicas.

São estes casos que se estão dando em Viseu, e que estão causando na opinião republicana a maior repulsa, que pode levar os republicanos a uma attitudé mais enérgica, se os cassapos não encolherem as garas e os governantes afastarem de si esses amigos que tanto os comprometem...

### Náufragos do vapor "Sebou"

Aos naufragos do vapor «Sebou» afundado no Mediterrâneo, na madrugada de 7 do corrente, por ter sido abalroado pelo destroyer francês «Sengalés», foi-lhes pelo Instituto de Socorros a Náufrago, concedido a cada um deles um subsídio pecuniário e passagens para as terras das suas naturalidades a todos aqueles que as requisitaram.

Deu entrada na enfermaria 4 do hospital de Arroios, Belmira de Jesus Nogueira, de 45 annos, moradora na Avenida Presidente Wilson, 119, 5.ª, que na mesma Avenida foi atropelada por um automóvel, ficando com as pernas fracturadas.

### Grave atropelamento

Deu entrada na enfermaria 4 do hospital de Arroios, Belmira de Jesus Nogueira, de 45 annos, moradora na Avenida Presidente Wilson, 119, 5.ª, que na mesma Avenida foi atropelada por um automóvel, ficando com as pernas fracturadas.

### Memórias dum cabo de policia

CAPÍTULO III—Em 11 de Março fiz a minha apresentação na 4.ª esquadra. O chefe Figueiredo disse-me, empunhando um linguado de papel: Você tem aqui péssimas informações, mas espero que, com o tempo, as desminta, fazendo-se fiel cumpridor dos seus deveres.—De facto, durante sete meses da minha estada naquela esquadra, ganhei a estima de todo o pessoal.

Como toda a gente sabe, a rua dos Canos, depois das 21 horas, é muito frequentada por soldados, marinheiros e meretrizes, que muitas vezes põem a viela em estado de sitio, representando a navalha o papel de mais destaque. Um guarda de policia que faça serviço nesta rua está sempre na iminência de um desordem, e, às vezes, a correr nela todos os riscos.

Numa quente noite de Julho, estive de serviço na rua dos Canos. Um individuo me apparece, esbafofado, a pedir-me que fosse pôr fim a uma desordem no café da Espanhola. Logo ali me dirigi. Quando ingressava no café fui atingido na cabeça com uma garrafa. Defendi-me como pude e perdi os sentidos e só voltei a mim no banco do hospital.

No inverno seguinte, a meu pedido, que o fiz por morar longe, fui transferido para a esquadra dos Terramotos, levando uma carta de boa recomendação de um general.

CAPÍTULO IV—Na minha entrada para os Terramotos fui, logo de principio, surpreendido com as habituaes prevenções, prático do dia para a policia. Desta vez, devia-se a greve dos padeiros. O público protestava porque haviam aumentado o preço do pão 70 centavos cada quilo.

Na noite de 7 de Setembro foram assaltadas numerosas padarias em Alcantara e na Meia Laranja. Quando a noticia chegou à esquadra, o chefe Alves mandou sair uma força do comando do cabo Chico, a qual ia armada de espingardas.

Quando se chegou à padaria Ribeiro era enorme a algazarra do populacho! Distribuíram-se algumas pranchadas e os assaltantes fugiram. Depois, na Meia Laranja, fomos recebidos a tiro e a pedrada. Então o cabo Chico ordenou que se fizesse fogo a pontarias altas, para se manter a ordem sem sangue.

As regressamos à esquadra fomos avisados de que, na rua Particular, estava um soldado morto com um tiro de pistola. Esta morte permaneceu sempre em mistério e eu gostaria que o mistério se desvendasse, visto que as praças que compunham a força ficaram comprometidas por acusações dos elementos avançados. A Batalha ainda chegou a levantar a questão, accusando o cabo Chico de ter morto o soldado.

Um inquerito chegou a ser aberto pela policia de investigação, mas o inquerito foi depressa arquivado por ordem superior. A ordem era «arrasar», ou por outra, manter a ordem a todo o custo, segundo as palavras lacónicas das instancias superiores, que muito crimes têm occultado.

Parece, porém, não ter sido o cabo Chico o assassino. Atrás da força tinham vindo os guardas 827 e 820, trajando civilmente, os quais tinham rixa antiga com o soldado e eram, na occasião, portadores de uma pistola F. N. que, segundo o relatório da Morgue, devia ter servido para o crime. Certo é que o cabo Chico, desprotegido com os ódios que sobre si recamara, accusando-o de matador, tendo estado ameaçado de morte, pediu a sua demissão e seguiu para a Africa.

(Continua.)

### Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

Pelo motivo de não poderem reunir em Assembleia Geral enquanto durar a suspensão de garantias, fica a mesma adiada para quando se annunciarem.

Lisboa, 19 de Junho de 1926.

Pela Mesa da Assembleia Geral,

O Presidente,

João Cardoso da Silva Araújo.

### TIVOLI

Telefone N. 5474

MATINÉE ÀS 3 HORAS

SOIRÉE ÀS 9 HORAS

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

BAROCCO

Drama misterioso, em oito partes

ATILA, o cavalo selvagem

Comédia em cinco partes

UMA CINE-FARÇA

UMA PANORAMICA

Amanhã:

O voo da aguia

Superfilme em dez partes do

HENRY ROUSSEL

o encenador de «Violetas imperiaes» com a celebre bailarina espanhola

ISABELITA RUIZ

Magnifica pagina da historia de Napoleão Bonaparte

Duas cine-farças

Uma cine-revista

### Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

TEATRO S. LUIZ—Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Lucília Simões-Erico Braga

Completa o espectáculo a BLUETTE num prólogo, um acto e três quadros, original de ERICO BRAGA, musicado por N. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXANDRE, do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica

Bailados graciosos

O mais surpreendente e fantástico espectáculo

actualmente em scena

TEATRO S. LUIZ—Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Lucília Simões-Erico Braga

Completa o espectáculo a BLUETTE num prólogo, um acto e três quadros, original de ERICO BRAGA, musicado por N. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXANDRE, do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica

Bailados graciosos

O mais surpreendente e fantástico espectáculo

actualmente em scena

TEATRO S. LUIZ—Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Lucília Simões-Erico Braga

Completa o espectáculo a BLUETTE num prólogo, um acto e três quadros, original de ERICO BRAGA, musicado por N. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXANDRE, do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica

Bailados graciosos

O mais surpreendente e fantástico espectáculo

actualmente em scena

TEATRO S. LUIZ—Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Lucília Simões-Erico Braga

Completa o espectáculo a BLUETTE num prólogo, um acto e três quadros, original de ERICO BRAGA, musicado por N. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXANDRE, do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica

Bailados graciosos

O mais surpreendente e fantástico espectáculo

actualmente em scena

TEATRO S. LUIZ—Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Lucília Simões-Erico Braga

Completa o espectáculo a BLUETTE num prólogo, um acto e três quadros, original de ERICO BRAGA, musicado por N. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXANDRE, do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica

Bailados graciosos

O mais surpreendente e fantástico espectáculo

actualmente em scena

TEATRO S. LUIZ—Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Lucília Simões-Erico Braga

Completa o espectáculo a BLUETTE num prólogo, um acto e três quadros, original de ERICO BRAGA, musicado por N. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXANDRE, do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica



## AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

## MARES DE HOJE

Fresamar às 9,23 e às 10,23  
Faixamar às 5,28 e às 5,53

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94575
Madrid cheque		3821
Paris, cheque		556,5
Suiza, cheque		378,5
Bruxelas cheque		557,5
New-York, cheque		19555
Amsterdão, cheque		7586
Itália, cheque		3371
Brasil, cheque		3805
Praga, cheque		558
Suécia, cheque		5825
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4566

## ESPECTACULOS

**Teatros**  
São Luís: —A's 21: —O Homem das 5 Horas. —  
Papo Sêco.  
Apelo: —A's 21:45: —O Santo António.  
Trindade: —A's 21: —C'est Paris.  
Eten: —A's 20:45 e 22:45: —Fox-Trot.  
Fenômeno: —A's 21:15: —O Dr. da Mula Ruça.  
Sala Top: —A's 21: —Varietades.  
Cinema (Vicente (A Graça): —Espectáculos às 3, 5, 7, 9, 11, sábados e domingos com ematines.  
Fenômeno: —Todas as noites. Concertos: di-  
versos.  
**CINEMAS**  
Tivoli: —Olimpia: —Central: —Condes: —Chiado Ter-  
race: —Ideal: —Arco: —Bandeira: —Promotora: —Esperança  
—Tortoise: —Cine Paris.

## FATOS

completos e  
sobretudo  
em bom cheviote, com bons  
forros e bom acabamento,  
para homem, desde  
**129\$00**  
Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-  
tudos, feitos e por medida  
batimentos para revenda  
170, Rua da Boa Vista, 172

## MELINA

É O MELHOR  
MATA FORMIGAS  
A venda em toda a parte  
DEPÓSITO GERAL:  
Fernandes Almeida & C.ª, Limt.  
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.ª —Lisboa  
Telefone C. 2422  
Agentes no Funchal:  
ELMANO S. GOMES  
R. do Coronel Cunha, n.º 53

A CURA DAS DOENÇAS PELAS  
PLANTAS, livro útil às boas donas de  
casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.  
Pedidos à administração de A Batalha.

## LA NOVELA SOCIAL

LA REDENÇÃO DE PIERROT  
É o título do n.º 8 da interessante colec-  
ção de novelas que se publicam em língua  
espanhola sob o título genérico de *Novela  
Social*, encontrando-se à venda na nossa  
administração ao preço de \$50. Pelo cor-  
reio \$70.

## Edições SPATACUS

Acabam de aparecer:  
A Teoria Libertária ou o Anarquismo,  
por Campos Lima, 3\$00.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por  
Mário Domingues, 6\$00.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais  
indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.  
A venda nas livrarias e na administração  
de A Batalha.  
Depósito: "Livraria Renascença", rua  
dos Poiais de S. Bento, n.º 27 —Lisboa.

## A "chômage"

é a maior monstruosidade condena-

tória do regime capitalista

A burguesia, por meio da imprensa venal  
que às suas ordens traze, procura — e con-  
segue os seus fins perante certa gente —  
lançar sobre os trabalhadores não só as  
responsabilidades da situação miserável  
em que estes vivem, mas até lhes atribue  
as culpas do mal-estar e das dificuldades  
económicas que por toda a parte se sen-  
tem, e que quasi exclusivamente às classes  
populares affectam.

Assim, quando os géneros encarecem,  
afirmam eles descaradamente que são os  
operários os responsáveis por ganharem  
salários "elevadíssimos"; e embora seja  
público o luxo ostentado por todos os  
parasitas do comércio, da indústria e da  
finança, esta mentira é proferida com uma  
tal audácia e cinismo, que mesmo alguns  
que pertencem às classes exploradas a  
repetem inconscientemente como uma ver-  
dade indiscutível.

Outras vezes, atribuem eles o mal-estar  
existente à diminuição da produção, mo-  
tivada pelo regime das oito horas de traba-  
lho, a pesar das vantagens já por demais  
comprovadas que este regime representa,  
tanto do ponto de vista higiénico como do  
rendimento do trabalho.

Até com a situação miserável em que  
vegeta a maior parte da classe proletária  
especula a quadrilha que vive da exploração  
do trabalho alheio, afirmando que ela é  
só "devida aos seus hábitos de preguiça,  
de desleixo e de desregramento", esconden-  
do porém que a causa de tudo isto está  
nas condições embrutecedoras de trabalho  
que calculadamente ela os obriga a aceitar.

Há, porém, um fenómeno — inerte à or-

## CONSELHO TECNICO

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de  
todos os trabalhos que digam res-  
peito à sua indústria, tais como:  
edificações, reparações, limpe-  
zas, construção de fornos em to-  
dos os géneros, jazigos em todos  
os géneros, fogões de sala, xa-  
drões, frentes para estabelecimentos  
e todos os trabalhos em cantarias  
e mármore de todas as prove-  
niências.

Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

## "HERPETOL"

—) Dá um (—

## Alívio instantaneo



SOFRE DE COMICHO? provocada pelo ECZEMA  
outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas  
gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente  
a comição.  
O "HERPETOL" CURA. A atestam os in-  
úmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no  
mercado este medicamento, que tem realizado CURAS  
MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é  
muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes  
que se encontram nos tecidos, os quais são a causa  
de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para  
limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-  
SECOS e ECROSIS DURSAS.  
Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL",  
melhor remédio que até hoje appareceu.  
A venda nas principais farmácias e nos depósitos,  
em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.º

## PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

Vendem-se no LATA, DO LARGO

DO BONDE BARRO, 55

Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00

Pedra grande, duzia, \$80

## LIMAS NACIONAIS

Só a grande lima

de ponta de ferro, com

uma ponta de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

pontinha de aço, para

limar o ferro, a 1/2 de

cada lado, com uma

## Caminhos de Ferro do Estado

## AVISO AO PÚBLICO

1.º aditamento à Tarifa Geral

De harmonia com a Portaria n.º 4613, de  
24 de Abril próximo passado, consideram-  
se incluídos nos géneros frescos designados  
no artigo 29.º da Tarifa Geral, aos quais é  
aplicável a base 6.ª da mesma tarifa, mais  
os seguintes:

Chócos, Lulas, Ostras e Polvo fresco

Novos multiplicadores.—3.º Adita-  
mento ao Aviso ao Público B. 30 de  
1925.—Portaria n.º 4613 de 24 de  
Abril de 1925.—Faz-se público que, a  
partir do dia 20 do corrente, e para efeito  
da aplicação do multiplicador 6, conside-  
ram-se incluídos na 1.ª das excepções do  
Aviso ao Público B. n.º 37, os seguintes  
mariscos:

Chócos, Lulas, Ostras e Polvo fresco

Lisboa, 12 de Junho de 1926.—Pelo enge-  
nheiro-Director, Fernando Arruda.

## A VENDA a 10.ª SÉRIE

## DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profun-  
damente illustrado desde as primeiras  
idades do homem até à revolução  
Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10  
tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.  
A obra mais barata que no género se publica

## Horário de trabalho

## As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-  
tar, em folheto, o decreto 5556, de 7 de Maio  
de 1919 e respectivo regulamento publicado no  
Diário do Governo de 20 de Maio sobre o ho-  
rário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$51.  
Aos interessados que desejem adquirir quantidade  
far-se-á um abastimento de 30 p cento em pa-  
quitos de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

## "Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração: —Empresa Lite-  
rária Fluminense, Limit.—R. dos Re-  
trozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

## História Universal del

## Proletariado

## Veinte siglos de opresion capitalista

Esta publicação em lingua espanhola que se  
encontra à venda na nossa administração, é o  
relato histórico, documentadissimo e detalhado  
das lutas originadas pela desigualdade social  
que, sob formas diversas e variados sistemas,  
perdura desde os primeiros alvares da civiliza-  
ção.

Cada fasciculo de 48 páginas, 163p pelo cor-  
reio, registado, 163p.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.º—La era de la esclavitud;

2.º—La rebelión de Espartaco;

3.º—Abolición de la esclavitud;

4.º—Abgecien y Servindumbre;

5.º—La revolución de los siervos;

6.º—La miseria de los agricultores;

7.º—Transformacion del Poder Feudal;

8.º—El comunismo cristiano;

9.º—Los miserables en la Edad Media.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

A venda na administração de A Batalha.

## OS AUTOMOVEIS

Que pela sua linha elegante, robustez e economia, se  
vêem hoje em todo o país, atravessando sem temer as  
suas piores estradas, são agora apresentados ao público  
em Lisboa no

SEU NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÕES:  
AVENIDA DA LIBERDADE, N.ºs 44 a 48

Preços dos vários modelos 10 cavalos (68x100)

Torpedo comercial, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo Standard, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo série de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.000\$00
Torpedo especial de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.800\$00
Cabriolet, 3 lugares	Esc. 23.000\$00
Conduite intérieure, 4 lugares	Esc. 25.000\$00
Landulet, grande luxo, 6 lugares	Esc. 26.500\$00
Landulet, taximetro, completo, 6 lugares	Esc. 26.000\$00

Todas as "carrosseries" de aço, assen-  
tos desmontáveis, "mise-en-marche"  
eléctrica, e cinco rodas calçadas, com  
pneus Michelin.

PEDIR CATALOGOS E MAIS DETALHES A:

EDUARDO ROSA, LIMITADA  
LISBOA

## O AUTOMÓVEL SÓ ERA

## ACESSIVEL AOS RICOS

## A Cooperativa Lisbonense

## de Chauffeurs

## PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhado-  
ras têm o dever de preferir o  
taxi "Citroën" (palhinha ama-  
rela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

Salvador Barata, L.ª

Fabricantes dos Alvaiaes marca "GALVOTA" e únicos depositários do

RODRIGUES, PÓ RODRIGUES, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A venda em todas as drogarias, mercearias e lojas de ferragens

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA

ou no Cais do Sodré, 82

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda

uma bela obra de

RICARDO MELLA,

"IDEARIO"

que consta dum volume

de 336 páginas dividido

nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educacion

Libertaria — Tactica — Evolucion y

Revolucion — Violencia — Libertad y

Autoridad — Ensayo Filosofico-Hi-

storico — Ideas Economicas — Moral

Temas sociologicos — Pedagogia —

Vida Espanola — Hombres Representa-

tivos — Trabajos Polemicos — Lec-

turas — Fragmento Inedito

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração de

"A BATALHA"

FATOS

A 220\$00 feito por me-

diada, em boas casem-

bras, recebem-se fatos

a feitura e forros por

120\$00. ALFAIATARIA

DIAS. 84, Rua de D. Pe-





ATRAVÉS DE AFRICA

## Benguela resiste à crise

O problema indígena formado por males de longa data—Falta de assistência e de protecção ao colono e ausência de qualquer plano de fomento—Exodo de marfim, regime de álcool e queda da borracha

Benguela está em crise, uma crise tremenda que não conseguirá subverter esta região, porque existem muitos interesses criados, e organismos fortes sustêm o arcabouço geral; e sobre tudo, porque o português sabe lutar desesperadamente para não ir a terra; mas, em todo o caso, crise tormentosa que obriga a reflexões.

Crise nascida em Benguela? Não. Crise de toda a parte, que a guerra avolumou, e que os nossos governantes não souberam prever nem atenuar.

Quando terminou o grande conflito europeu, lembro-me de que o governo de Inglaterra, prevendo os nefastos efeitos que a guerra iria desencadear nas praças comerciais dos seus domínios, logo cuidou de uma assistência financeira e outros organismos das empresas de seguros e outros organismos de crédito, foi sabiamente aplicada.

O regime capitalista e burguês, ao menos, defendia-se, e era lógica tal defesa. O que se fez em Portugal e nas colónias portuguesas? Será bom não falarmos em tal...

Dizem-me que em Benguela houve lutas e desvarios. Perfeitamente. Mas lutas e desvarios houve em toda a parte, criados e fomentados por esse delírio de riqueza que a guerra, tragicamente, desencadeou.

Mas o que fizeram os poderes superiores para tal evitar? Colaboraram com uma péssima administração, dando exemplos que não quero referir, primando por uma absoluta falta de orientação que, por quasi toda a parte, estorou orçamentos, agravando crédito e economia.

A crise de Benguela tem características locais, bem sei que tem. Mas a fuga do marfim, a necessária proibição do fabrico do álcool e a consequente destruição da cultura da cana, a queda vertiginosa da borracha e a desvalorização do escudo—como poderia o comércio de Benguela evitar todo este germe de ruína?

Impunha-se uma insistentíssima política de fomento agrícola, em todo o plano, com assistência e educação do indígena e apoio ao colono branco.

Fizeram os governos algo de prático nesse sentido?...

As lutas de Benguela conheço-as eu de toda a parte. São em geral—com as excepções da praxe—aquelas a que todos os indivíduos recorrem para se aguentar, nos casos extremos, reconhecendo o erro mais impellido pelas circunstâncias, e pelo humanissimo desejo de se salvar.

Mas, no caso de Benguela se houve desvarios, processos condenáveis, erros de orientação comercial, também é certo que houve muita gente cautelosa, trabalhando com método, lutando heróicamente para vencer dificuldades, sem que estes últimos tenham sido poupanças pela crise!

A questão tem de ser encarada em conjunto, e reconhecer-se que o mal já caminha de longa data. A crise de Benguela é o produto de diversas causas muito anteriores; da acumulação de crises antigas que não tiveram oportuna solução, e só procuravam oportunidade para explodir. No fundo, a questão é esta: o vastíssimo plano de Benguela, cuja riqueza principal é a agricultura indígena, nunca foi preparado para um regime de trabalho baseado num grande plano de fomento.

O colono português viveu sempre abandonado a si próprio, sem qualquer assistência ou orientação dos poderes do Estado; e aquele que pretendia romper a rotina lutou, sempre, com tremendas e invencíveis dificuldades. Por sua vez, o comércio, com um problema de distância que só lhe agravava a mercadoria e o não defende das contingências das cotações—sem qualquer orientação técnica que o pusesse, dia a dia, bem ao par das especulações da Europa—viveu sempre muito entregue aos acasos da sorte e quasi na exclusiva dependência da produção indígena.

Com a desvalorização do escudo, até o indígena também cheio de notas se suzou mais rico; e como não tem necessidades, trabalhou menos, diminuindo a produção e agudando as dificuldades.

O Estado apareceu, ao meio da crise, não com quaisquer soluções, mas apenas para aumentar o imposto indígena, para aumentar o imposto alfandegário, para aumentar as tarifas de Caminho de Ferro, pretendendo com tais medidas simplistas—que só agravaram a situação—reduzir, assim, um deficit orçamental numa colónia onde a grande riqueza pública ou está por organizar ou, ainda, por reconhecer.

O que se fez para estimular, para aperfeiçoar a produção do trabalho indígena? O que se fez para valorizar a acção do emigrante ou colono português?

Nada. Esforços isolados quasi nada. E na deficiência com que são encarados problemas tão importantes—como Trabalho Indígena e Colonização Europeia—eu encontro a maior explicação destas crises.

\*\*\*

Conceber hoje a existência de quaisquer interesses europeus, morais ou materiais, em Africa, sem encerrar, com exactidão e inteligência, o valor do preto, é um disparate. O factor população foi, sempre, o maior valor económico dos povos; naturalmente, na escala da riqueza africana o preto ocupa o primeiro lugar, por muitos que sejam os seus defeitos de origem e organização, e por maior que seja o valor a atribuir a maquinaria e alfaias modernas. Finalmente, a existência dos interesses portugueses em Africa seria uma quimérica fixação se não fora o trabalho indígena—até mesmo naquelas regiões desérticas de que os portugueses foram os povoadores.

Mas—é necessário não esquecer—esse trabalho indígena, imprescindível, quem o valorizou, quem o desperdiçou para as grandes utilidades, quem o fez destacar da massa informe e da rotina entepida e selvagem, foi o europeu e, particularmente, no caso de Angola, a colonização portuguesa. Colonização que teve defeitos, que teve desvarios que foram o reflexo de épocas sombrias, mas que foi sempre muito mais dura, muito mais sentimental do que a dos ingleses e americanos e até do que a

dos nossos vizinhos espanhóis—colonização, emfim, que, mal ou bem, deu o que ali está, e que acabará a própria movida pelas aspirações sentimentais e legislação generosa, por conduzir o indígena a um plano de direitos que ele souber merecer, e onde as questões de raça e de cor serão preteridas pela capacidade da inteligência, do carácter e da educação.

Foi a colonização portuguesa que fez Angola do futuro, que virá a ser, não oferece dúvidas, um dos maiores emporios da terra onde a humanidade de todo o mundo poderá ter o seu lugar. Pode calcular-se a proporção gigantesca dos resultados futuros quando verificarmos que a obra presente, realizada pelos portugueses, já corresponde a uma exportação que em 1924 atingiu Esc. 275.914.979, e a uma colocação, para produtos importados, no valor de Esc. 333.098.761. Mas só quem percorre, como eu percorri, os 1.625 quilómetros da costa de Angola, visitando desde a foz do Zaire à do Cunene todas as povoações do litoral, atravessando em diversas direcções as regiões planálticas de Benguela e Huila, ouvindo diferentes opiniões e recolhendo preciosos apontamentos, é que pode avaliar do sacrificio doloroso, quasi inconcebível, com que é realizado o esforço que corresponde aos números citados.

Indubitavelmente que não pode lançar-se qualquer ideia que envolva um sentido progressivo sem atender-se à necessidade de fortalecer e aperfeiçoar a colonização portuguesa em Angola.

Pode alguém afirmar que os princípios em que deve assentar essa colonização estão bem interpretados e defendidos, e que o colono português tem a assistência, a protecção, a garantia indispensável à sua deslocação da metrópole?

Não, ninguém pode afirmar tal. De novo nada se fez; e do que existia de bom principia a estar comprometido, porque se deixou de definir e não se renovou.

O que sobrevive numa resistência heroica, é o poder do sacrificio, da aventura, o admirável poder da iniciativa particular. O Estado dorme ou deixa-se vencer pelas dificuldades; e, assim, o velho sistema da colonização, que uma vez orientado e assistido, seria a base dum desenvolvimento seguro e progressivo, quasi está esquecido e nalguns casos prejudicado.

\*\*\*

Sobre o sempre oportuno problema indígena, o que sabemos, em Angola, de antropologia, etnografia, estatística, que nos leve ao conhecimento seguro que possa ditar critério aproximado sobre esse vastissimo assunto que pode subordinar-se a esta síntese: política indígena?

A quatrocentos anos da ocupação de Angola ainda não conhecemos, ao certo, a história das raças indígenas que dominam; nem, sequer, possuímos um censo, segundo, da população—que uns dizem, vagamente, ser de 3 milhões; outros, mais acertadamente, de 5 milhões; e até alguns, bastante inverosimilmente, fixam em 8 milhões de negros.

Sabemos, apenas, da existência, mais ou

menos vaga, dalgumas memórias curiosas, mas quasi sempre sem um método científico, ou sem actualidade; e quando a estatística limitamo-nos a conhecer aqueles negros nos dia, afirmando que existem em Angola, aproximadamente, 559.192 indígenas validos para o trabalho, e que as necessidades reconhecidas de mão de obra são apenas, de 186.811, havendo, por consequência, um saldo de mão de obra de 372.381 indivíduos.

Temos que acatar estes números, embora Mossamedes e outras regiões afirmem que vão a caminho da ruína devido à falta de mão de obra...

Mas o problema indígena—leitor—não é, apenas, o caso importante da mão de obra.

Há uma coisa que se chama política indígena e que quasi não existe, ou existe só muito arbitrariamente, sem plano ou unidade; há outra coisa que se chama assistência indígena, e que tem de tomar um aspecto muito mais efectivo, quando nos lembrarmos que a mortalidade infantil nos negros já é superior a 50 por cento; existe, ainda, outra coisa chamada instrução e educação profissional que eu encontrei encardada com inteligência, com desvelada solicitude que me impressionou, nas missões católicas que visitei; e, finalmente, temos o recrutamento de mão de obra que, pela ausência continua da mulher, pela aterradora promiscuidade dalguns acampamentos, pela insubversividade de diversas regras de rudimentar higiene, não deve ser o mais recomendavel sistema...

Tudo isto, como se vê, é bastante importante, muito complexo para o futuro da raça negra e sua valorização. E sem raça negra não poderemos subsistir em Africa interreses ou civilização europeia de qualquer espécie.

A assistência, educação, valorização, do trabalhador indígena têm nas colónias africanas a mesma importância que tal problema oferece para Portugal, em relação à população branca. Talvez tenha mais importância em Angola, porque na metrópole todos estes problemas—não muito mais adaptados, e cada indivíduo já em muito instantâneo, muitos mais recursos de defesa de que, automaticamente, lança mão; e, ainda, porque sendo a densidade de população muito menor em Angola carece esta de ser muito mais defendida. Portugal, 16 vezes mais pequeno do que Angola, deve estar perto do dobro da sua população.

Não posso compreender como pensam numa Africa progressiva, deixando desvalorizar o mais importante factor da sua riqueza—o factor população. Sem a solução do «Problema Indígena», sem uma remodelação que tenda a assistir, a valorizar a «Colonização Portuguesa», não serão, não poderão ser debeladas as grandes crises—e Angola caminhará aos tombos.

Parceram-me oportunas estas palavras pensadas e escritas em Benguela, uma das mais importantes regiões de Angola, onde a colonização portuguesa conta grandes sacrificios, e a produção indígena tem uma grande importância bem marcada.

Benguela — 1926.

Juliano QUINTINHA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

## Os ferroviários de Lourenço Marques continuam vivendo sob um regime de opressão e tirania

Lourenço Marques, 28 de Maio de 1926. —A atmosfera cá no burgo continua carregadíssima, trazendo consigo uma chuva torrencial de opressões e represálias deveras assustadoras.

Estes bandidos, em toda a parte vêm assassinando, bombistando, descarrilamentos, comités, agitadores, etc. etc.

Na casa da Santa Inquisição, ou seja no Commissariado de Polícia, estão-se praticando actos de selvageria tão repugnantes, que bem nos trazem à memória as façanhas do grande déspota, chamado Inácio de Loyola, o fundador da Santa Inquisição, que mandava queimar, na praça pública, só pela mais pequenina denuncia ou desconfiança.

Os camaradas que ali se encontram já há meses são submetidos a interrogatórios durante dias e dias, dando-lhes uma alimentação imprópria, que nem os cães lhes pegam, por mais ramitos que andem.

Fazem-nos estar 40 e 60 horas de pé a maioria d'este tempo numa perna só. Se se sentem exaustos de forças, são logo chicoteados a cavalo marinho. Uma verdadeira inquisição!

Durante este insuportável flagelo, têm por casa o subterrâneo onde costumam encerrar os presos, arremessando-lhes com uma esteira, para estender sobre o lagado.

Como tudo isto ainda não fosse o suficiente para arrancar confissões injustificáveis, os bárbaros aplicam o aparelho eléctrico na cabeça, ministrando-lhes choques tão violentos que os fazem confessar aquilo que eles querem e não aquilo que a consciência lhes acuse.

São tão infames, que um agente de investigação teve a audácia de dizer a dois maritres que nada valiam as suas recusas às interrogações que lhe eram feitas, visto que ali só se confessaria aquilo que eles muito bem quisessem, custasse o que custasse.

Dentro das oficinas gerais, não se vive com satisfação. De todos os cantos se ouvem clamores, segredando-se; isto tudo parece um verdadeiro inferno! De facto, assim é!

Quando entramos naquela caserna tivemos a impressão de que por ali tivesse passado um formidavel ciclone, deixando tudo devastado.

Não se pode falar com ninguém, pois logo recaem suspeitas sobre quem estiver

a falar, desde que não seja em serviço. Não há secção alguma que não tenha furas, e bem poucas são as que não têm amarelos.

Na secção de pintura, estão 5 furas, um deles é o José Maria Demétrio. Os outros já são conhecidos.

José Maria entrou como encarregado da secção, mas não se fará velho em tal lugar, pois, está-lhe faltando o terreno debaixo dos pés. São estes, por consequência, os maiores policias que o Ruas tem ao seu serviço.

\*\*\*

Ainda se encontram na Fortaleza de Moçambique 8 camaradas, entre os quais se encontram os camaradas Manuel Joaquim da Silva e Nuno Pedro, a quem já foi formado processo com o unico fim de os tornar responsáveis por tudo quanto se tem desenrolado desde o inicio da greve ferroviária até hoje.

Estes patifes são competentes para inutilizar duma vez para sempre aqueles operários se não houver quem pugne pela sua liberdade.

Os outros presos, mesmo do cativoiro onde se encontram, têm por sua vez telefonado para Lisboa, mas estão desconfiados que tais telegramas não têm saído da ilha de Moçambique.

Quanto à reintegração do pessoal nada há a tal respeito. Enquanto o governo Central para não mandar ordens nesse sentido, aligura-se-nos que nada se conseguirá.

### SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Excursionista «A Verdade». —Para assuntos de inadiável resolução, devem reunir-se hoje, pelas 18 horas, em ponto, todos os componentes d'este grupo.

### CONFERÊNCIAS

«Vida Nova» pelo dr. Amílcar de Sousa. Na sede da Sociedade Turística Portuguesa, rua Alves Correia, 85, 1.ª, realiza hoje, pelas 21 e meia horas, o dr. sr. Amílcar de Sousa uma conferência subordinada ao tema «Vida Nova».

A entrada é publica.

### Colectivamente, não!

A comissão de melhoramentos do Sindicato dos Operários do Arsenal do Exército, segundo reteria um colega da manhã, dirigiu-se há dias ao gabinete do coronel Guilherme Gonzaga, novo director daquele estabelecimento fabril, a fim-de com este, funcionário tratar das reclamações que aquele organismo apresentou ao antecessor do coronel Gonzaga. A comissão fez-se anunciar e os seus membros aguardavam que os atendessem. Mas eis quando surgiu um official franzino, que muito empertigado declarou aos representantes do Sindicato do Arsenal do Exército:

—O sr. director não recebe «colectivamente» nenhuma comissão.

E' claro que os referidos comissionados ficaram banzados porque ignoravam as intenções do sr. director e porque não sabiam que o sr. director recebia «individualmente» alguma comissão. Estes novos dirigentes muitas surpresas têm reservadas para nós.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Mobiliários da casa Batalha

No pretérito sábado o industrial desta casa avisou o pessoal que se quisesse trabalhar esta semana seria com a redução de 2500 por dia. Declarou o pessoal não aceitar essa pretensão, declarando que iria entregar a questão ao Sindicato Mobiliário. De facto assim succedeu, mas o sindicato não chegou a intervir devido à bela conduta do pessoal; o patrão ontem, logo de manhã, chamou alguém do pessoal a quem notificou que podiam retomar o trabalho nas antigas condições. Em face disto o pessoal comunicou-lhe que viria participar primeiro o facto ao sindicato, sendo resolvido que, atendendo à disposição do industrial, se retomasse o trabalho hoje à hora habitual.

### Operários licenciados das obras do Estado

Convidam-se os operários licenciados, inválidos e sinistrados a reunirem-se hoje, pelas 10 horas, na travessa do Oleiro, 13, para continuação dos trabalhos a apresentar.

## Novas promoções de maquinistas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

Foram promovidos ontem a maquinistas principais do Sul e Sueste os maquinistas de 1.ª classe Manuel de Carvalho Costa, Joaquim Aleixo, José Pereira Fernandes da Silva e António Magalhães, para preenchimento, respectivamente, das vagas resultantes das reformas concedidas a Eloi António Tadeu, Custódio Fernandes, Francisco da Costa Mechas e Manuel Inácio; a maquinistas de 1.ª classe os maquinistas de 2.ª classe Francisco da Costa Pontes, Domingos António da Silva, José Maria, José Mendes, Matias Barbedo, José Vicente, Cristiano Fonseca, Eduardo José de Almeida, Miguel dos Santos, Abílio Teixeira de Freitas, Francisco de Oliveira Noronha, Sebastião da Conceição Salgueiro, Custódio José Grave, António Ferreira e Guilherme Marques, para preenchimento, respectivamente, das vagas resultantes das reformas concedidas a João Ferreira Robalo e João Fernandes Contento; da promoção de Manuel Inácio a maquinista principal; das reformas concedidas a Manuel Jorge da Costa, António Pedro Cândido, José Casimiro Gonçalves, Manuel Baptista, Luís Martins, Vitoriano de Almeida e João Ribeiro; do falecimento de Luís Augusto dos Santos e das quatro promoções supra; a maquinistas de 2.ª classe os maquinistas de manobras Henrique Baptista Naia, Joaquim da Costa, Francisco António Moreno, Aníbal Tavares Frade, Francisco António Bexiga, e Manuel Martins, para preenchimento, respectivamente, das vagas resultantes das reformas concedidas a Vitor Manuel dos Santos e Carlos António Pedrosa, e das promoções supra de Francisco da Costa Pontes, Domingos António da Silva, José Maria e José Mendes à 1.ª classe; e a maquinista de manobras, por antiguidade, os fogueiros de 1.ª classe Manuel José de Sousa, Dinis Correia Martins, António de Magalhães Júnior, Francisco Marques, José Maria dos Santos e Raúl dos Santos, para preenchimento das vagas resultantes das promoções supra à 2.ª classe.

Juliano QUINTINHA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

DEPOIS DUMA GRANDE JORNADA

## NO SENADO MUNICIPAL DE LISBOA

### A construção de novas linhas de viação eléctrica

Como noticiámos na sessão anterior tinha sido aprovado o parecer da comissão especial encarregada de negociar com a Companhia Carris de Ferro de Lisboa a concessão e exploração de novas linhas de viação eléctrica com exclusão do artigo 2.º referente à prorrogação do prazo fixado no § 2.º do artigo 5.º do contrato de 30 de Junho de 1925, ficando, porém, a comissão executiva sobre este ponto de se entender com a referida Companhia a fim-de ver se conseguia que ela eliminasse ou reduzisse a referida prorrogação. Na sessão de ontem, a noite, o presidente da comissão executiva, sr. dr. Corvinel Moreira, declarou que a direcção da Companhia firmara não poder transigir mais do que havia transigido.

Em vista do exposto foi submetido novamente à votação o artigo 2.º do parecer sendo aprovado por maioria.

### Toponímia da cidade

Resolveu-se dar à rua B, à rua Neves Piedade a denominação de rua Tomás Cabreira; à rua D, rua do General Leman; à rua F, rua do Cardal Mercier; à rua C, e G, rua Portugal Duro; à rua H, rua da Costa Godolphin e à rua M, que começa na rua Neves Piedade e finda na rua A, rua Visconde de Meades.

### Outros assuntos

Ficou para ser discutido noutra sessão o processo respeitante ao pedido da Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos para a transferência da sua concessão para a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, visto não se encontrarem presentes dois membros da Comissão do Corticencioso.

Foram despachados requerimentos de vários empregados respeitantes à sua situação.

### «O Espectro de Bulça»

Já se encontra à venda o poema «O Espectro de Bulça», da autoria de Roberto das Neves.

Todos os trabalhadores deverão adquirir, pelo seu valor literário e social e ainda porque o produto da sua venda se destina aos presos sociais.

O respectivo folheto encontra-se à venda na administração deste jornal e na sede do Comité Pró-Presos.

## AGREMIações VARIAS

Liga Pró Moral. — Realizaram-se as eleições dos novos corpos gerentes para o ano económico 1926-27, sendo os cargos assim distribuídos:

Direcção: presidente, Augusto Carlos Rosa; vice-presidente, Amílcar Carlos Ramos da Costa; 1.º secretário, Vicente Eleutério; 2.º secretário, Jaime Ludovino Conceição Travessa; tesoureiro, Fernando João da Silva; 1.º vogal, Mário Curado; 2.º vogal, Augusto Vasques da Silva.

Conselho Fiscal: presidente, Horácio Inês Tavares; secretário, José Pereira Faria; relator, Mário Eleutério.

Assembleia Geral: presidente, Amantino do Nascimento; vice-presidente, João Rodrigues Cassão; 1.º secretário, Alfredo Cristo; 2.º secretário, Militão Mário da Assunção e vogal, Carlos Silva.

Sociedade «A Voz do Operário». — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, para apreciar as actas das sessões anteriores. Tratando-se duma das partes mais interessantes da história da vida desta instituição, é de esperar grande affluência de sócios.

## EM FRANÇA

### A crise ministerial continua insolúvel...

PARIS, 21.—A' saída do Elyseu, o sr. Briand declarou que a sua tarefa estava facilitada, pois que o próprio sr. Herriot havia pensado numa união republicana, larguissima. O sr. Briand apoiar-se há nas maiorias que o apoiaram, e está resolvido, a constituir governo. Deve notar-se que o sr. De Monzie, primeiro solicitado para ocupar a pasta das finanças, recusou. Depois da recusa do sr. Bokanowski, o sr. Herriot quis entregar os ministérios do Tesouro e do Orçamento respectivamente aos srs. Painlevé e Bonnet; estes senhores, porém, embora lhe afirmassem a maior dedicação, declinaram o convite. O sr. Herriot convidou em seguida os srs. Pietri e Romier, que responderam que o sr. De Monzie era a pessoa mais qualificada para ocupar a pasta das finanças, mas o sr. De Monzie recusou imediatamente.

Os srs. Pietri e Romier cederam a uma nova instância do sr. Herriot, mas, em virtude da abstenção do sr. Bokanowski, entenderam que a representação dos moderados no ministério era insufficiente. O sr. Herriot reconheceu a justiça da observação, chamando então o sr. Champetier Deribes, que se recusou, determinando, como se sabe, o fracasso das negociações do sr. Herriot.

### ...parecendo que será Briand o novo chefe do governo

O sr. Briand está resolvido a resolver a crise hoje, conservando a quasi totalidade dos membros do governo demissionário.

O sr. Briand conferenciara hoje ainda com o sr. Poincaré, a quem oferecerá a pasta das finanças, não o tendo já feito ontem em virtude do sr. Poincaré, por ser domingo, se encontrar ausente de Paris. (H.)

## Secção Telegráfica Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Conselho Inter-Federal—Pôrto—Recebemos vale.

COMITÉ PRÓ-PRESOS

Presos Sociais de Monsanto